

# Centro de Estudos Bahianos

ANFRISIA SANTIAGO

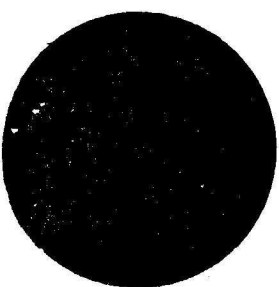
*Anfrisia Santiago*

CAPELAS ANTIGAS DA

BAHIA

Publicação

ALVADOR - BAHIA



## CAPELAS ANTIGAS DA BAHIA

A PUBLICAÇÃO que ora se inicia, feita por imperativo estatutário do *Centro de Estudos Bahianos*, será quinzenal, distribuída gratuitamente aos seus associados, visando divulgar as atividades culturais dessa agremiação.

A sementeira está feita; frutos opimos, estamos certos, não tardarão, congregando os mais capazes e que queiramos trabalhar pelo engrandecimento da nossa terra. Tornou-se, assim uma realidade, o velho sonho de Oswaldo Valente, nosso ex-secretário geral, tão cedo roubado ao convívio de seus companheiros de trabalho, e a quem se deve a sobrevivência do Centro de Estudos, que ele ajudou a fundar e crescer, emprestando atividade invulgar.

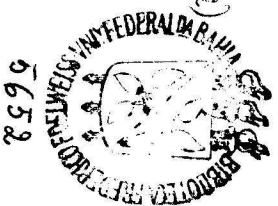
O sentimento religioso da Bahia colonial manifestou-se, principalmente, pela ereção de igrejas e capelas particulares. O reinol, fidalgo ou plebeu, que se tornava abastado ou procurava melhor situação à custa do engenho de moer ou da sesmaria de gado, erigia junto à casa de morada a sua ermida, geralmente sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, do Rosário, da Penha ou de Guadalupe, da Virgem Santíssima sob vários títulos, ou de S<sup>o</sup>. Antônio, para que a sua proteção lhe tornasse menos penosa a tarefa, mais arredo o índio agressivo, mais numeroso e nédio o gado, mais suculentas as canas para melhores os meles e mais brancos os açúcares; e, por consequência, maior quantidade de cruzados na arca.

Era implorado também o auxílio dos santos pelo temor das invasões estrangeiras, do incêndio e do saque, das secas, da peste ou das tempestades de raios como aquela de que fala Rocha Pitta. A colocação oficial da cidade sob a proteção de S<sup>o</sup>. Antônio de Arguim e de S. Francisco Xavier, após algumas dessas calamidades, bem o prova.

Nessas capelas e ermidas "*mui bem conservadas*" já no tempo de Gabriel Soares, ao raiar do dia e ao descambar do sol, badalavam os sinos "as Trindades".

A recitação do rosário, o ofício de N. S. Senhora, as novenas e festas do orago reuniam senhores, agregados e escravos, identificados todos na mesma súplica, dominados pelo mesmo temor ou animados das mesmas esperanças...

Quando entriquerado no recôncavo, podia o português ter a sua casa de morada na Cidade, no Terreiro, ou na Ajuda, no Largo da Praça ou "*no sítio das águas cantantes*" como no Unhão, e então adicionava-lhe a capela senhoril, torreada, bem ornada, rica de imagens portuguesas estofadas; castiçais e Jarrões de prata ou de velha porcelena da China, cálix e patena de ouro, caldeirinha e cam-painha de prata, luxuosos tapetes da Pérsia ou da Índia; ou para



o culto do seu padroeiro destinava, dentro da casa nobre, a sala ampla entre a sala grande de receber e os compartimentos internos de onde as mulheres, protegidas por uma grade de rótulas, assistiam à função religiosa, defendidas dos olhares curiosos dos estranhos.

Nem sempre era o fervor apostólico de certos Sacerdotes ou senhores de engenho o motivo da ereção desses santuários. Era o terror do desconhecido ou a falta de cumprimento de promessas que levavam uns e outros a determinar nos seus testamentos se os cons-truissem, encapelando-lhes os cabedais, com a obrigação de missas diárias ou semanais por sua alma e de parentes próximos "*enquanto o mundo fôr mundo*".

O testamento de Padre Francisco de Araújo de Aragão, falecido em 1650, sendo morador no sítio da Tapera, na Saubara, fazenda que legou à Casa da Santa Misericórdia, é um comprovante. (1)

São tópicos desse testamento:

"Sendo DEUS servido levar-me desta vida presente será meu corpo amontalhado com os ornamentos sacerdotais como indigno sacerdote que sou; e será meu corpo sepultado na Igreja do Paratigisi, nomeada do Salvador e me acompanharão os que de presente se acham aos quaes peço me encomendem a DEUS e se me digão as missas que se puderem dizer com brevidade na dita Capella onde estiver enterrado dentro de sete dias que serão pagas conforme ao tempo, etc.

"Deixo por herdeira universal de todos os meus bens minha alma, assim de raiz como móveis pelo que se instituirá uma Capella e para patrimonio della e sustento deixo esta terra que herdei de meus pais com toda a outra pretensão que pretendo haver dos Padres de Santo Antão de Lisboa e uns chãos de casa no bairro de S. Bento nesta Cidade com todos os escravos, gado, prata e móveis.

"Deixo por administrador desta capella o Provedor da Santa Casa de Misericórdia com os demais Irmãos della e deixo de esmola a esta Santa Casa 80 cruzados cada anno e se tomará Capellão que virá junto à Capella para me dizer todos os domingos e dias santos missas por minha alma ao qual se pague como for melhor e tudo quanto o dito Provedor ordenar seja em mesa com os irmãos.

(1) — Livro do tombo — 1652 a 1685 (original) — Arquivo da Sta. Casa de Misericórdia — existe cópia sob n. 41.

Os que hão de ficar na minha terra da Capella serão os que deixo nomeados no caderno que neste testamento faço declaração.

"Deixo no caderno o que se ha de ordenar sobre a capella de Santo Antonio que fiquei de lh'a reformar onde antigamente esteve a elle por me ter assim que me tem feito particulares mercês nesta causa que tenho com os padres de St.º Antão da Companhia de Jesus da cidade de Lisboa e em outras muitas occasiões".

\* \* \*

Nota do caderno, a respeito da Capella:

"Peço ao Provedor e Irmãos para ter em suas mãos um Capellão de Paratigisi pessoa muito religiosa para que todos os dias santos diga missa por minha alma, pagando-lhe muito bem e fornecendo a Igreja de todo o necessario, a qual será de pedra e cal não tendo alpendre senão tudo incorporado em Igreja.

Lembro ao Sr. Provedor e Irmãos façam correr por ordem de Marinho de Castro a demanda com os Padres da Companhia e ella feita será a casa do dito St.º Antonio de pedra e cal pelas muitas mercês que me tem feito na sua tapera".

Era, então, provedor Baltazar de Aragão e Araújo.

Um detalhe curioso deste testamento do século XVII é o cuidado do padre testador pela alforra e bom trato de seus escravos.

Deixava dez cabeças de gado para a creoula Luíza, que alforriava, sem gravame algum, em poder de Luiz Araújo, o feitor da fazenda, que a deveria doutrinar e casar. Deixava também a esta escrava um "cobertor de papa" (?). Aos índios da terra deixava forros e que se fossem para onde quizessem.

A prata de sua propriedade, de que daria conta o feitor, seria desmanchada para lampadário e castiçais da sua sepultura.

Era esta a prata: "4 pratos ouvidos, sendo três irmãos e outro maior; 11 pratos pequenos; 11 do serviço de mesa; 6 colheres; 3 garfos pequenos; 2 salceiras; 2 copos; 1 púcaro; 1 gornil e 1 bacía pequena".

Ao ourives Francisco do Vale entregou-se a prata pesando 49 marcos, 5 onças e 2 oitavas, em 1 de julho de 1654 e foi recebida pela Santa Casa transformada em obras — um lampadário de 16

marcos e 6 onças e 4 castiçais que pesaram 22 marcos, 2 onças e 4 oitavas, ao todo 39 marcos e 4 oitavas. O resto o ourives trocou em dinheiro — 42\$180 a razão de 4\$ o marco, cobrando pelo feitio da obra 39\$060 a razão de 1\$ o marco.

“Rol dos ornamentos de Igreja que ficarão do pe. Araújo:

“1 frontal de taferá branco; 1 vestimenta; 1 veu de calices; 1 pano de estante e sebastos; 1 ornamento com o mesmo taferá vermelho, outro roxo, outro verde, com vestimenta que é a que ele vestia quando se enterrou com ela; 5 garatuas — Uma com o amito que tinha o corcá e ficou outra; 1 calix e patena dourados; 1 sanguinho velho; 1 corporal; 1 Christo; 2 castiçais de arame; 2 castiçais de pau; 2 toalhas velhas de altar; 1 pano de mãos; 1 campainha; 3 bancas; 1 caixa sem chave; 1 pedra dara; 1 prato da Índia em que põem as galhetas; Levou o Pe. Capelão de Saubara — Pe. Antonio de Figueiredo 1 fecho de dois e duas toalhas e uma bolsa.”

#### CAPELA DO MORGADO DE IMBIARA

Do livro de Tombo do Morgado de Imbiara, um dos mais afamados engenhos da bacia do Iguape, extraímos a descrição da Capela do dito Engenho e dos bens vinculados à mesma Capela de 4 missas semanais instituída em 1634 por Bernardino Frz de Barros e de que era administrador em 1741 o Cel. Bernardino Cavalcante de Albuquerque.

Descrição da Capela e dos bens vinculados existentes nessa data:

“No pasto do dito engenho de Imbiara se acha hua capella de pedra e cal com seo alpendre, sobre pedras de tijolo e cappella-mór, fabricada e consertrada de novo com sua sanchristia e pulpito estão por acabar de consertrar cuja ditra capella declaração os Louvados ser da invocação Sto. Antonio e Nossa Senhora do Rosario pertensente ao mesmo Engenho da Ibbiara. Na ditra Capella que tem trez altares com o maior em todos elles se acham as Imagens seguintes; hua do Sto. Christo, Sto. Antonio, Nossa Senhora do Amparo, Nossa Senhora do Rosario dos pretos, Santa Anna, Sam Miguel, São Benedito, N. S. do Rosario e que na ditra Capella tem algumas Ir-

mandades a que pertense os ornamentos e mais paramentos que se acham na ditra Cappella a qual só tem proprio hum calix de prata com sua patena e ornamento vermelho com alva e mais paramentos para se dizer missa frontal, missal, pedra dara o que tudo visto examinado pelo Dr. Provedor que mandou se fossem avaliando os bens seguintes: Engenho Um engenho de fazer assucar em terra propria chamada da Imbiara sobre pilares de tijolo com suas casarias de moradas, muendas e casa de purgar, com a sua balança com braço e tronqueira de ferro de 8 arrobas, tudo avaliado em 4:800\$000 ou doze mil cruzados pelas ditas louvadas, Dois tanques dagua do mesmo Engenho com que moy, com suas bicas etc., que tudo se avallião em seis mil cruzados, que são dois contos e quatrocentos mil reis: uma casa de morada terra com pilares de tijolos, ditas as paredes, com suas portas e janelas coberta de telhas tudo avaliado em 600\$000. A terra em que se acha situado o mesmo Engenho que he todo o pastodelle o qual parte da banda do sul com terras de Antonio Pereira de Araujo, pelo norte com terras do administrador o Coronel Bernardino Cavalcante e pelo leste com os Mangues do Mar Salgado que he Porto do Engenho onde chega a maré etc. Mais duas fazendas obrigadas ao Engenho Imbiara Araçá e Fazenda Grande avaliadas em sete mil cruzados e ainda a terça da fazenda de Dona Maria Ilhóa (oito mil cruzados) e a terça parte da fazenda de Ana Pereira Guedes e suas netas (sete mil cruzados) e ainda a 3.<sup>a</sup> parte da fazenda Grande de D. Ana de Albuquerque etc.

“Dos 30 escravos pertensentes a ella somente oito se achão vivos e os mais falecidos e que em seu logar tinham outros tantos para inteirar a Capella — uns e outros mandou o Dr. Procurador vir a sua presença e se avaliaram da seguinte maneira . . .

“Escravos para servirem ao vinculo da Capella:

“Bertholomeu, gêge, avaliado em cem mil reis, Manoel Joaquim, gêge, avaliado em cem mil reis; Vidal, crioulo velho, avaliado em trinta mil reis, Felipe, angola, avaliado em oitenta mil reis; Ventura, gêge, avaliado em oitenta mil reis; Felipe, gêge, avaliado em sessenta e quatro mil reis; Balthesar, avaliado em oitenta mil reis; Balhesar de Certão, mina, avaliado em noventa mil reis. Inacio angolla avaliado em setenta mil reis; Bento, crioulo aleijado de um dedo na mão, avaliado em quarenta mil reis; João mina, ava-

liado em noventa mil reis; João, velho gêge, avaliado em setenta mil reis, André crioulo avaliado em cinquenta mil reis, Mathéos An-gola Caxangá avaliado em quarenta mil reis; Matheus mina bojam, avaliado em quarenta mil reis; Francisca avaliada em sessenta mil reis; Catharina, gêge velha, avaliada em cinquenta mil reis; José gêge em sessenta e quatro mil reis, Perpetua, nagô velha avaliada em 30 mil reis, Alexandrina, gêge avaliada em sessenta e quatro mil reis; Sebastiana, avaliada em sessenta e quatro mil reis; Gregório mulato carapina avaliado em duzentos mil reis”.

“Dezesseis bois mansos que o administrador dá pelos que herão da Capella dos quais pelo tempo que tem passado são mortos, e estes avaliarão os louvados a oito mil reis cada hum e todos importão em cento e vinte e oito mil reis. Dois carros que avaliarão a cinco mil reis cada hum e ambos em dez mil reis.

E nesta maneira occorrerão as ditas louvadas por avaliados os referidos bens e o actual administrador, por declarados todos, dizendo lhe não faltava cousa alguma mais que declarar, para julgar este vinculo e tombo por sentença, mandou o doutor provedor se lhe fizessem os autos conclusos e de tudo assim mandou fazer este termo de enserramento, em que assignou com os ditos louvados informadores e o administrador actual e o Proveddor.

E porque a tudo foi presente. (Assinado) — O Meyrinho da Provedoria.

Escrivão Pedro do Rosario Ribeiro, Ventura Serqueira de Vasconcellos, Pedro Paes Machado de Aragão, Bernardo Cavalcante de Albuquerque, Antonio da Silva Canario, Theotonio Teixeira de Magalhães.

#### DA EDIFICAÇÃO DAS CAPELLAS

Desde os primeiros tempos coloniais, foram sendo erigidas igrejas e capelas, de tal modo que, em 1570 já havia na Bahia e seus roncâncavros sessenta e duas Igrejas, segundo Gabriel Soares, “das quais dezesseis freguezias cerradas, nove vigararias que pagava S. M. e outras sete pagas pelos freguezes aos curas e a maior parte das outras igrejas tinham seus capelães e suas Confrarias como em Lisboa. Todas estas igrejas estavam mui limpas e concertadas e providas de ornamentos em as quais nos dias dos orâgos se lhes faziam muitas festas”.

Não sabemos a que jurisdição obedecia naquela remota época a ereção de uma capela particular.

Pelas primeiras Constituições do Arcebispado da Bahia, estabelecidas em 1707 por D. Sebastião Monteiro da Vide, após a realização do 1.º sínodo no Brasil, assim se prescreve:

Título XIV — Art. 692 — “Ainda que he cousa muito pia, e louvavel edificarem-se Capellas em honra, e louvor de Nosso Senhor, da Virgem Senhora Nossa, e dos Santos, porque com isso se excita e se afervora a devoção dos fieis e se segue a utilidade de haver nas grandes e dilatadas Parochias lugares decentes em que commodamente se possa celebrar, como convem muyto que se edifiquem em tal consideração, que, erigindo-se para ser casa de oração e devoção não o seião de escandalos pela pouca decencia e ornato dellas, ordenamos e mandamos, que querendo algumas pessoas em nosso arcebispado fundar capella de novo, nos dem primeiro conta por petição, e, achando nós por visitoria e informação que mandaremos fazer, que o lugar he decente e que se obrigan a faze-la de pedra e cal, e não somente de madyra ou de barro, assinando-lhe dote competente, ao menos de seis mil reis cada anno para sua fabrica, reparação e ornamentos, lhe concederemos licença, fazendo-se de tudo autos e escrituras, que se guardarão no cartório de nossa Camera — Pg. 268.

#### ATRIBUIÇÕES DO CAPELLÃO

Geralmente tinha cada capela o seu capellão. E preferiam os padres a função de capelães de particulares a servirem de coadjutores nas paróquias. O coadjutor percebia 25\$ por ano, enquanto o capellão de engenho vencia 100\$. Talvés porque, no Engenho, o capellão quase sempre aliava às funções sacerdotais o encargo de mestre.

“Naquelles tempos, diz Teodoro Sampaio, os engenhos e estabelecimentos agricolas do Reconcavo tinham de ordinario, o seu capellão e a este entregava-se communmente o ensino dos rudimentos de leitura e escripta aos filhos do proprietario e aos da vizinhança, com a devida permissão. Os livros não eram muitos: supriam-nos as cartas de mão. Aos padres cabia assim, essa primeira iniciação do saber nas intelligencias de tenra idade”.



Muitas vezes era o capelão pessoa da própria família do senhor de engenho. Não raro um filho. O primogênito era o morgado, o herdeiro e continuador da fazenda. O 2.º, sacerdote, o intermediário entre as injustiças da terra e a clemência do céu, o elemento conciliador entre o senhor e o escravo, o conselheiro sempre consultado e no dizer de Pedro Calmon: "o tio padre latinista que ensinava a ar-tinha e os verbos às creanças destinadas às letras". O 3.º filho era o soldado, sentinela a garantir a terra e os bens, pois não eram poucos os riscos que corriam.

#### A CAPELA DE ST.º ANTONIO DA CADEIA

A velha Cadeia do Senado da Câmara da Cidade do Salvador da Bahia teve a sua Capela, consagrada a Santo Antônio. A sua localização exata no pavimento térreo do secular edifício não nos foi possível encontrar. O que os livros de Atas de Vereações e Provisões do Arquivo Histórico da Prefeitura revelam é que, em fins do século XVIII, quando da ocasião da reconstrução da Cadeia, foi a capela reformada, orgando as despesas em 21:800\$925, as quais correram por conta do resto da Terça de S. Magestade existente no cofre da Real Fazenda e empréstimo feito pela Câmara da Vila de Cachoeira.

Dentre as cópias dos recibos de pagamentos dessa obra, destacamos os seguintes, em que há referências à Capela:

"Pelo que pagou ao d.º Adm.º de varias despesas que fez com a pintura da Cadeia oratorios da enxhovia Imagens, e torna para agua da mesma em V.º do desp.º, deste dia 11 a quantia de oitenta e cinco mil cento e trinta e sette reis como consta do documento n.º 63 85 V. 137. Anacleto de S.ª Costa.

Dez.º 16

"Pelo que pagou ao d.º Adm.º da importancia da Obra dos Ornamentos para celebrar Missa na cadeia de demascos para os dous ornamentos e uma alva feitos cordoens em v.ª do desp.º de 12 do corte. Dez.º a quantia de cincoenta e um mil quatrocentos e vinte reis constre. do n.º 71". Anacleto da S.ª Costa. José Roiz Silv.ª

Dez.º 16

"Pelo que pagou a Anacleto da S.ª Costa Adm.º das Obras do Senado da importancia do concertos das Imagens do Oratorio do

pateo da Cadêa e salla feixada encament.º desta em v.ª do desp.º de 16 do corte. Dez.º a quantia de trinta e dous mil reis como consta do documento n.º 72". Anacleto da S.ª Costa. José Roiz da Silv.ª

"Pelo que se pagou ao d.º Adm.º de uma feria de jornais dos pintores e de tintas e Imagens resplandores e estufam.º de novas Imagens p.ª a Infermaria da Cadeia vidros para as sobregradas e em virte. do desp.º de 1.º do mesmo mez a quantia de noventa e um mil trezentos e sessenta reis como consta do documento n.º 21". Anacleto da S.ª Costa. José Roiz da Silv.ª. (2)

Em 1754 já era ministrado o culto na Capela de St.º Antônio da Cadeia, como prova o seguinte registro de casamento:

"Aos cinco de Outubro de mil setecentos e sincoenta e quatro de tarde no Oratorio da cadeya de licença do muito Reverendo Doctor Provisor, feitas as denunciações na forma do Sagrado Concilio Tridentino nas Matrizes desta Cidade donde os contrahentes são moradores, e elle natural e na Matriz de Nossa Senhora da Assumpção da Villa de Camamú donde a contrahente hé natural, sem se descobrir impedimento como consta das certidõens dos banhos, que se achão em poder do Reverendo Padre cura, em minha presença, de licença do M. R. Doctor Provisor, sendo presentes por testemunhas o Padre Domingos da Costa e o Ld.º Manoel Rodrigues da..... casado, fregues da Conceição da Praya e outras Pessoas mais..... se casarão em face da Igreja solemnemente por palavras Luiz Amador, natural da Freguezia de Santo Antonio Alem do Carmo bautisado na capella de N. S. da Penha de França, sua filial; filho legitimo de Manoel dos Sanctos e Ursula das Virgens moradores na Freg.ª de Santa Anna do Sacramento com Euphrasia Gomes, natural da Freg.ª de N. S. da Assumpção da Villa de Camamú e moradora neste Sé, filha legitima de Francisco Gomes Coimbra e de Ignacia da Silva, já defunctos e logo lhes dei as benções na fórma dos Ritos da Igreja (do que fiz este assento, que por verdade assignei". O Coadj.ºr. José Coelho Valladão.

No ano de 1755 o livro de casamentos da Sé registra oito casamentos realizados na Capela. Dentre estes o de Francisco Dias de

(2) — Obras da Cadeia — Arquivo Histórico da Prefeitura do Salvador.

Freitas e Mônica Neves da Cruz, natural de Boa Vista — Olinda, prêso na dita cadeia, e Ana de Melo e Albuquerque, filha legítima de Cosme de Rêgo Barros e D. Luíza de Melo e Albuquerque, servindo de testemunhas o Capitão Bernardo Franca e o Dr. Francisco Caetano Ribeiro.

#### CAPELA DO UNHÃO

Casa solarenga, admiravelmente situada, tão bem construída que tem desafiado a ação do tempo, é o solar de Unhão um dos melhores testemunhos do gôsto e da opulência da época colonial.

À sua capela, uma quase igreja, de estilo barrôco, encimada de duas torres, enviava ao mar e à encosta da cidade a sonoridade de seus quatro bronzes a chamar os fiéis ao culto de sua padroeira — N. S. da Conceição. Na sua nave ou das suas tribunas as jovens da nobre família dos Pires de Albuquerque meditaram sôbre o destino que lhes traçaria — o casamento ou a vida religiosa.

Dentre elas as netas de Rocha Pita, filhas de sua filha D. Brites, casada com Rodrigo da Costa de Almeida, provedor da Alfândega, três das quais se exiliaram da deliciosa paisagem da casa à beira mar para os silenciosos e ajardinados claustros de St.<sup>a</sup> Clara do Deserto. A outra neta, D. Izabel Joaquina de Aragão, casando-se com o mestre de Campo José Pires de Carvalho e Albuquerque, continuaria a nobre estirpe.

Da casa e da Capela do Unhão têm se ocupado quase todos os que estudam a história social da Bahia. Não foi possível, entretanto, até hoje precisar a data da construção de uma e de outra. Em "Tempo Antigo" diz Silva Campos: "Já em 1692 era a chácara conhecida por sítio do Unhão. Em fins do século XVIII aí tinha morado o avô do Visconde da Torre de Garcia D'Ávila". E Teixeira de Barros em "Capelas extintas:" "na verga da Porta principal existe a data de 1797 que não sabemos a que atribuir, pois em 1775 era arrolada pelo Vigário da Vitória como Sufragania da mesma Freguesia. . . ."

Compulsando os livros de assentamentos de batismo e casamentos da freguesia da Sé e da Vitória, no precioso arquivo de nossa Arquidiocese, encontramos alguns registros referentes a cerimônias realizadas na Capela do Unhão, em datas anteriores àquelas até agora registradas pelos estudiosos da nossa história.

Eis o mais antigo:

"Aos vinte e cinco de Janeiro de mil setecentos e quarenta e hum baptizou e pôs os Santos oleos o Reverendo Deam da Sé o Doutor Antonio Rodrigues Lima na Capella de Nossa Senhora da Conceição sita no Unhão, filial de Nossa Senhora da Victória desta Cidade à Thereza, filha legítima do Capitam Salvador Pires de Carvalho de Albuquerque, e de Dona Joanna Cavalcante e Albuquerque. Foram padrinhos o Coronel José Pires de Carvalho e a Madre Joanna da Encarnaçam, Religiosa da St.<sup>a</sup> Clara do Deserto, por seo procurador João Felix Machado Soares (3)

Êste o documento mais remoto, quanto ao culto naquella capela.

Data daí a sua construção? Ou a reconstrução? Ou só então foi permitida aí a celebração de atos religiosos que só podiam ser realizados nas matizes?

Em 1706 vivia ainda o Desembargador Pedro de Unhão Castelo Branco, indicado como o construtor e primeiro proprietário da casa senhorial. Encontrei o seu nome citado como padrinho de um batizado realizado na Igreja da Conceição da Praia no teor seguinte:

"Aos vinte de agosto de mil setecentos e seis baptizei e pus os santos oleos a Bernardo f.<sup>o</sup> de Manoel Teixeira e sua mulher Francisca dos Santos, foram padrinhos o Dr. Pedro de Unhão Castelo Branco e Maria Correa mulher de Bento Per<sup>a</sup>."

O Vig.<sup>o</sup> Franc.<sup>o</sup> Pinhe.<sup>o</sup> Barreto.

Era ainda proprietário da casa do Unhão e nela residente o seu homônimo? Já existia a Capela? Já os batizados se podiam realizar nas Capelas particulares? Se isso fosse permitido, dada a condição social do padrinho, certamente o batizado se teria realizado na sua capela particular.

E' de crer, pois, que em 1706 ainda não fosse o Unhão propriedade dos Pires e Albuquerque, e, principalmente ainda, a capela não estivesse ereta ou nela não pudessem ser ministrados os sacramentos.

(3) — Livro de batizados da freguezia da Sé, (1734 a 1742) fls. 232.

Encontrei nêsse mesmo ano um assentamento de batismo do seguinte teor: (4)

"A nove de março de mil setecentos e seis baptisei nesta matriz da Conceição da Praya e puz os santos oleos a Antonio, f.º do Sarg.º mór Joseph Pires de Carvalho e Albuquerque e de sua mulher D. Thereza Cavalcanti e Albuquerque; foram padrinhos Balthazar de Vasconcellos e D. Leonor Josepha de Menezes, mulher do Coronel Gonçalo Ravasco Cavalcanti e Albuquerque.

E em 1709:

"A doze de Janeiro de mil setecentos e nove baptisei e puz o Sanctos oleos nesta Matriz da Conceição da Praya a Joseph, filho do Sargento mór Joseph Pires de Carvalho e de sua mulher D. Thereza Cavalcanti de Albuquerque, naturais desta Bahía, foi padrinho o Dr. Gregorio Pereyra Fidalgo syndicante. (5)

*"Descrição da Capela de N. S. da Conceição do Unhão.*

Uma capela com 53 palmos de frente com 3 portas, 3 janellas, 2 torres, frontespicio, 4 sinos, 74 palmos de fundo, o seo repartimento he corredor de hum e outro lado com suas portas de entrada para a Capela mór hum pulpito tudo com suas entradas, seo tretabolo na Capela mór tudo em bom estado em branco, ca-drilhado o corpo da capella com tijollo quadrado e a capella mór de pedra do Pais; pela parte do mar tem 5 janellas e de terra, 6, em baixo duas janellas e humna porta e da parte da terra 4 janellas e 1 porta".

*Antrisia Santiago*

(4) — Livro de registro de batizados da Conceição da Praia — Arquivo da Arquiidiocése da Bahía.

(5) — Inventário do Visconde da Torre — Arquivo Público do Estado.